

A sua arte não *anota*; commemora a natureza. Estas telas são, na verdade, *commemorações* — que é o que todas as telas deveriam ser.

A OBRA DO VISCONDE DE MENEZES.

Pertence o Visconde de Menezes a essa *especie* rara de artistas portuguezes que, como Garrett, Eça de Queiroz e Wenceslau de Moraes, nas lettras, Sousa Pinto, na pintura, Alfredo de Andrade, na architectura, souberam, em beneficio da sua arte, accrescentar o *sensacionismo* da sua vida com a *nevrose* das viagens e dos longos e saudosos estagios em terras estranhas.

Sem por completo se desenraizarem, ou perderem os caracteres de raça, esses, a quem imprópriamente poderíamos chamar os *cosmopolitas da arte*, colheram, do seu despaísamento, qualquer coisa de febril, de nervoso, de intensamente vivido, que para sempre se prendeu á sua obra, influenciando-a e tonificando-a.

E' curioso, n'estes casos insolitos, mais uma vez constatar a estructural inapplicabilidade do temperamento portuguez a tudo que seja exótico ou extravagante. Essa espúria flôr do exotismo nunca, com effeito, logrou perdurar na organização artistica do portuguez. Por isso talvez elle é em arte, como em tudo o mais, o emigrante ideal. As qualidades de senso e de equilibrio, o sentido justo das proporções, a doce espiritualidade do nosso fundo, a própria modestia do nosso poder de expressão, inspirando-nos o horror invencível da extravagancia, effizadamente nos defendem do mais grave perigo do *inter-cambio* artistico. A nenhum artista mais do que ao portuguez saberia recommendar-se com vantagem, as viagens e permanencias de estudo em cidades estrangeiras de civilização mais diversa.

Porque a sede violenta das viagens a todos nos morde no mais profundo e occulto da nossa alma de aventura, não conseguimos furtar-nos ao deslumbramento de um destino errante e batido por todos os ventos do mundo, como foi o do Visconde de Menezes. E esse deslumbramento instinctivo é ainda accrescido, n'este caso, do encanto delicado da distancia a que estamos d'esse outro tempo que foi o d'elle, encanto que tão justificadamente avoluma a

importancia sensacional das abaladas para longes e inverosímeis paragens, em nossos dias tão facéis e accessíveis, d'uma tão evidente e desencantada possibilidade. Feliz homem, este pintor, a quem, com ter esmaltado a sua existencia com os aspectos varios da vida de Roma, de Paris, de Londres, ainda lhe coube como *fundo* a tão esplendoroso scenario um tempo romantico que não é o nosso!

E' que, em verdade, raros são os que sabem distinguir, no gosto corrente e banal dos dias que vivem, o sabor característico e inconfundível do seu proprio tempo. E, contudo, é principalmente por ter vislumbrado essa distincção, que só aos verdadeiros artistas é dado apprehender, que o Visconde de Menezes foi um pintor que ainda hoje *existe* para a arte.

Com um forte temperamento e um talento da mais generosa natureza, elle *viveu*, no real sentido d'esta palavra, todo o movimento apaixonado da arte do seu tempo; por isso, sem duvida, nos deixou em seus quadros, com a força persuasiva da sinceridade, uma expressão verdadeira d'esse mesmo tempo. E assim dizemos, porque é um erro suppor-se que determinada epocha tem em arte uma unica expressão; tanto seria chamar-lhe inexpressiva — uma face com uma só expressão é uma face sem expressão nenhuma. A verdade plastica, sendo puramente sensível, é a mais pessoal, variavel e perfectivel de todas as verdades. Para que um artista estheticamente traduza o caracter de certo periodo historico, faz-se mister que o tenha *reinventado* em si, moldando-o depois, em formas de nova e original belleza. Nada mais subjectivo que o *estyl*o. O seculo XVIII francez, tal como nós o entrevemos hoje, é pura criação de Watteau, esse adoravel *mestre menor* da pintura que, queimando-se ao fogo devastador da doença e do sonho, todo um mundo concebeu de soberana elegancia. Insensato seria fazer depender, precariamente, o espirito esthetico d'uma epocha da documentação indumentaria que, por minuciosa e exacta, só serviria a prejudicar a força e a verdade da sua expressão. Quantas vezes, em arte, não são os anachronismos que demarcam e esclarecem a historia! Quem não sente que são artistas contemporaneos, da tempera d'esse extraordinario creador de *figurinos*, que é Baskt, que em formas e côres francamente fantasiosas, com maior vigor expressam o espirito, a *linha*, e o recorte esthetico de certas epochas passadas?

Quanto ao Visconde de Menezes, elle foi um romantico e um *pre-raphaelista* convicto, se bem que moderado.

Em Roma, para onde seguiu sob os bons e

insuspeitos auspícios do Conde de Rachzinski, conviveu com os chamados nazarenos, os pintores Cornelius, Overbeck, Kaulback, Minardi, Cavallieri, e com o nosso conhecido Metrass. D'essa convivência, e de visitas assíduas e atentas ás galerias e aos muzeus, guardou a base sólida de cultura e erudição pictórica, que distingue e quasi só por si justifica o movimento *pre-raphaelista*. Entretanto, este primeiro período da sua carreira como pintor apenas se assignala por enternecidas e reveladoras viagens a Florença, Milão, Bolonha, Padua e Veneza, e pelo seu ingresso nas Academias Italiana e Inglesa de Roma. E' de mais tarde, da sua larga permanencia em Paris e, sobretudo, em Londres, que datam as suas obras marcantes. Uma vez n'esta ultima capital, acompanha desde o seu início, embora sem exaggeros sectarios, o *pre-raphaelismo*, hombreando já então com os primeiros retratistas inglezes. Todavia na sua obra o caracter distinctivo d'aquella escola pouco se deixa accentuar, o que aliaz permite avaliar melhor o grande *estyllo* proprio dos seus retratos. Assim, alguns d'elles, como se verifica pelas reproducções insertas no presente numero de ATHENA, constituem exemplos completos e edificantes de pintura romantica.

Não esqueçamos, porem, que não é só o *estyllo*, finamente insinuado, que notabilisa a obra do Visconde de Menezes, dando logar á contemplação seduzida a que deante d'ella se não resiste.

Certos dos seus quadros, como os retratos de sua mulher e de sua mãe, e essa admiravel cabeça existente no Museu de Arte Contemporanea, contendo em si o forte cunho das grandes telas de escola, são pedaços de pintura, dos que marcam e que ficam. Só ellas nos contariam das razões porque o Visconde de Menezes figurou no mundo da pintura inglesa, n'um dos melhores periodos dos seus retratistas, no tempo em que Gabriel Rossetti allí pontificava. Tanto bastaria, em todo o caso, para explicar uma ampla documentação graphica da obra d'este pintor portuguez verdadeiramente illustre, que Portugal quasi desconhece.

QUADROS DO VISCONDE DE MENEZES

reproduzidos em ATHENA

*Retrato da 1.^a Viscondessa de Menezes **

*Retrato d'uma filha do pintor **

Retrato do 1.^o Visconde de Menezes

(pertence á Camara Municipal do Porto)

Retrato da Viscondessa de Menezes (Carlota)

(offerecido pela Senhora D. Elisa de Miranda

Pereira de Menezes ao Museu de Arte Contemporanea de Lisboa)

*Paysagem **

*Flores e fructos **

*Retrato do artista **

*Cabeça de criança **

Mr. King, da Universidade de Cambridge

(pertence ao Museu de Arte Contemporanea de Lisboa)

*Retrato de J. de M. **

Salvatore Rosa entre os bandidos da Calabria

(pertence á Camara Municipal de Lisboa)

* Da galleria da Senhora D. Elisa de Miranda Pereira de Menezes.

SUBSIDIOS PARA UMA ANTHOLOGIA DA PINTURA PORTUGUEZA DOS SECULOS XVIII E XIX

Os estudos, a que nos ultimos tempos se dedicaram alguns dos nossos eruditos e criticos de arte, poderosamente têm contribuido para a revelação e definição d'uma escola portugueza de pintura, expressa e florecente em os seculos XV e XVI, na qual se nos deparam pintores de genio do vulto desmesurado de um Nuno Gonçalves. A carencia de documentação historica, as honestas duvidas que suscitavam os raros elementos de identificação concernentes ás taboas apparecidas, a diversidade de interpretação e, portanto, a controvérsia cheia de interesse a que davam logar, outros tantos atractivos constituiram á tarefa ardua, mas nem assim menos seductora, a que patrioticamente se consagrou a nossa critica erudita.

Todavia, taes descobertas e estudos, que á gratidão dos vindouros assignalam a actividade investigadora do nosso tempo, concentrando e sobre si chamando o interesse d'esse mesmo publico, de algum modo permittiram que subsistisse o olvido, quando não a ignorancia total, da obra dos nossos pintores de epochas posteriores, que, por mais esclarecida e documentada, particularmente apartir dos fins do seculo XVIII, não menos digna é do nosso carinho e da nossa admiração.

E' com o duplo fim de rehabilitar e de vulgarisar, no mais elevado sentido da palavra, essa obra até hoje esquecida e adormecida nos nossos museus, e, sobretudo em nossas egrejas e solares, que ATHENA se propõe iniciar muito brevemente, em edição sua, a publicação de SUBSIDIOS PARA UMA ANTHOLOGIA DA PINTURA PORTUGUEZA DOS SECULOS XVIII e XIX.

Esta publicação, que essencialmente constará da reproducção dos mais notaveis quadros dos nossos artistas d'aquelles periodos historicos, comprehendendo consequentemente alguns ainda vivos, obedecendo ao mais rigoroso espirito de ordem e selecção, será organizada sob a direcção do director de ATHENA, Snr. Ruy Vaz.

A edição será feita em fasciculos mensaes, gratuitamente distribuidos, como «separatas» dos numeros d'esta revista, a todos os nossos assignantes e compradores.

Sobre o que virão a ser essas reproducções de luxo, como perfeição técnica, nada diremos, pois de tanto nos julgamos dispensados em presença da larga illustração artistica de ATHENA, que sobremaneira honra a arte graphica portugueza.